

Publish or Perish: Em Tempos de Inteligência Artificial, quem publica pouco é Rei?

Publish or Perish: In the Age of Artificial Intelligence, is the one who publishes less the King?

Publica o Perece: En la Era de la Inteligencia Artificial, ¿es el que publica menos el Rey?

Recebido: 11/08/2025 | Revisado: 14/08/2025 | Aceitado: 14/08/2025 | Publicado: 15/08/2025

Ana Karine de Araújo Soares

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3342-8671>

Fundação Altino Ventura, Brasil

E-mail: aka.asoares@gmail.com

Resumo

Objetivo: Refletir criticamente sobre os impactos das Inteligência Artificial Generativa (IAG) na produção científica contemporânea e propor diretrizes para seu uso ético, preservando a integridade acadêmica. **Método:** Estudo qualitativo, exploratório e teórico-reflexivo, fundamentado em revisão crítica da literatura recente e de obras relevantes em ciência, tecnologia e sociedade, filosofia da ciência e ética na pesquisa. **Resultados:** As IAG potencializam a produtividade, mas podem ampliar dilemas como autoria indevida, fragmentação excessiva e difusão de trabalhos com baixo rigor. Foram identificadas diretrizes para uso consciente: transparência na declaração do uso de IA, preservação da originalidade, validação rigorosa do conteúdo, confidencialidade de dados e centralidade da autoria humana no processo. **Considerações Finais:** Publicar com propósito e qualidade, e não apenas em volume, é essencial para preservar a credibilidade da ciência. Integrar a IA de forma ética e supervisionada pode fortalecer a produção científica, desde que mantenha como núcleo o pensamento crítico, a criatividade e a responsabilidade do pesquisador.

Palavras-chave: Publish or perish; Inteligência Artificial Generativa; Ética acadêmica; Autoria científica; Integridade na pesquisa.

Abstract

Aim: Critically reflect on the impacts of Generative Artificial Intelligence (GAI) on contemporary scientific production and propose guidelines for its ethical use, preserving academic integrity. **Method:** A qualitative, exploratory, and theoretical-reflective study based on a critical review of recent literature and relevant works in science, technology and society, philosophy of science, and research ethics. **Results:** GAI enhances productivity but may aggravate issues such as improper authorship, excessive fragmentation, and dissemination of low-rigor studies. Identified guidelines for responsible use include transparency in declaring AI use, preservation of originality, rigorous content validation, data confidentiality, and ensuring human authorship remains central. **Final Considerations:** Publishing with purpose and quality, rather than merely in volume, is essential for preserving science's credibility. Ethical and supervised integration of AI can strengthen scientific output, provided that critical thinking, creativity, and researcher responsibility remain at the core.

Keywords: Publish or perish; Generative Artificial Intelligence; Academic ethics; Scientific authorship; Research integrity.

Resumen

Objetivo: Reflexionar críticamente sobre el impacto de la Inteligencia Artificial Generativa (IAG) en la producción científica contemporánea y proponer pautas para su uso ético, preservando la integridad académica. **Método:** Estudio cualitativo, exploratorio y teórico-reflexivo, basado en una revisión crítica de la literatura reciente y de obras relevantes en ciencia, tecnología y sociedad, filosofía de la ciencia y ética en la investigación. **Resultados:** Las IAG aumentan la productividad, pero pueden agravar problemas como la autoría indebida, la fragmentación excesiva y la difusión de trabajos con bajo rigor. Se identificaron directrices para un uso responsable: transparencia en la declaración de uso de IA, preservación de la originalidad, validación rigurosa del contenido, confidencialidad de datos y centralidad de la autoría humana en el proceso. **Consideraciones finales:** Publicar con propósito y calidad es esencial para preservar la credibilidad científica. Integrar la IA de manera ética y supervisada puede fortalecer la producción científica, siempre que el pensamiento crítico, la creatividad y la responsabilidad del investigador sigan siendo centrales.

Palabras clave: Publish or perish; Inteligencia Artificial Generativa; Ética académica; Autoría científica; Integridad en la investigación.

1. Introdução

Durante décadas, o mantra “publique ou pereça”, do inglês *Publish or Persish*, funcionou como um imperativo silencioso que moldou o comportamento de pesquisadores e instituições acadêmicas em todo o mundo (Guraya et al., 2016). A publicação de resultados de pesquisa ainda é uma das principais formas de demonstrar sucesso acadêmico, tanto para os pesquisadores quanto para as instituições patrocinadoras envolvidas (Von Solms; Von Solms, 2016). A valorização da produtividade quantitativa transformou o ambiente científico em uma corrida por métricas, onde o número de artigos publicados passou a valer mais do que a profundidade das perguntas formuladas, das hipóteses construídas ou a originalidade das respostas encontradas. Nesse modelo, muitas vezes, a qualidade cedeu espaço à repetição, e a pesquisa se viu cada vez mais refém da lógica da performance (Lee, 2014; Rawat & Meena, 2014; Eshchanov et al., 2021).

Com a ascensão da Inteligência Artificial Generativa (IAG), como o ChatGPT e suas derivações, entramos em um novo capítulo dessa história, ainda mais complexo e paradoxal. Nunca foi tão fácil redigir textos acadêmicos, elaborar revisões bibliográficas, estruturar argumentos ou traduzir ideias técnicas em linguagem formal. A Inteligência Artificial (IA) democratizou o acesso à escrita científica, mas também potencializou um problema já latente: a inflação de publicações com baixo teor analítico, pouca originalidade e mínima contribuição epistemológica (Elbanna & Child, 2023).

O que se observa, cada vez mais, é um ecossistema saturado por textos automatizados, sem profundidade, uniformizados, construídos a partir de modelos previsíveis e desprovidos de identidade autoral. A pressão por publicar persiste, mas agora alimentada por ferramentas que, se não forem utilizadas com criticidade, acabam por esvaziar o próprio sentido da produção científica. Paradoxalmente, nesse cenário de abundância superficial, a escassez tornou-se um novo valor, e quem publica pouco, com intenção e profundidade, pode finalmente ser visto como um sinal de resistência e excelência (Ajwang & Ikoha, 2024).

Neste contexto, este artigo buscou refletir criticamente sobre os impactos das IAG na produção científica contemporânea e propor diretrizes para seu uso ético, com o objetivo de preservar a integridade acadêmica. A análise aqui desenvolvida examina como a automação da escrita científica afeta práticas, valores e expectativas institucionais, apontando para transformações profundas na cultura acadêmica. Mais do que um alerta, este texto é um convite a repensar o que significa publicar em tempos de IA, e a defender que, diante de máquinas que escrevem, recuperar a autenticidade, o rigor e a criatividade no pensamento é um ato não apenas necessário, mas profundamente transformador.

2. Metodologia

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, um tipo de estudo que sintetiza e discute o conhecimento existente sobre um tema específico. Essa abordagem permite uma avaliação mais flexível, oferecendo uma visão geral, crítica e interpretativa dos principais achados, teorias e debates presentes na literatura científica sobre o assunto (Andrade, 2021). O estudo possui natureza qualitativa, exploratória e teórico-reflexiva, com o objetivo de analisar criticamente os impactos das IAG na cultura contemporânea de produção científica (Pereira et al., 2018). Não se propõe a testar hipóteses por meio de experimentação ou coleta de dados primários, mas sim a construir uma análise conceitual e argumentativa, fundamentada em revisão bibliográfica e na observação de tendências emergentes.

O ponto de partida foi a realização de uma revisão crítica da literatura, envolvendo obras e artigos acadêmicos publicados nos últimos cinco anos, especialmente nas áreas de ciência, tecnologia e sociedade, filosofia da ciência, sociologia do conhecimento, além de estudos interdisciplinares sobre ética e IA. Embora a ênfase esteja na produção recente, foram também considerados textos anteriores a esse recorte temporal, desde que reconhecidamente relevantes para o embasamento teórico ou histórico da discussão, por conterem contribuições fundamentais para a compreensão dos temas tratados.

O foco principal da revisão concentrou-se em três eixos: a intensificação do produtivismo acadêmico e suas implicações, o papel das tecnologias de automação na transformação dos modos de escrever e produzir conhecimento, e os debates recentes sobre autoria, originalidade e curadoria em tempos de IA.

Além disso, foram utilizados dados secundários extraídos de relatórios de instituições científicas, artigos da mídia especializada, plataformas de pré-prints e fóruns acadêmicos, com o intuito de identificar padrões emergentes no uso de ferramentas de IA na redação de textos acadêmicos e suas repercussões nas práticas e normas institucionais. A partir desse panorama, desenvolveu-se uma construção argumentativa de caráter ensaístico, fundamentada em autores e teorias pertinentes, articulando observações analíticas e reflexões críticas sobre o cenário atual. Por se tratar de um ensaio teórico, o texto privilegia a profundidade conceitual, a articulação interdisciplinar e a liberdade de pensamento, sem abrir mão do rigor analítico e da fundamentação teórica que caracterizam a produção científica. Essa abordagem permite problematizar, com densidade e perspectiva crítica, os riscos da hiperprodução textual automatizada e apontar caminhos possíveis para resgatar o valor da autoria, da curadoria e do pensamento original na pesquisa acadêmica.

3. Revisão da Literatura

3.1 Publish or Perish

A expressão “*Publish or Perish*” já soa de forma familiar a quem circula pelo mundo acadêmico, uma espécie de pré-requisito para entrar (e sobreviver) no “jogo” da produção científica (Rawat & Meena, 2014). Mas o que muitos não sabem é que essa máxima associada à pressão por publicações e métricas de produtividade, já circulava desde o início do século XX. No livro *Archibald Cary Coolidge: Life and Letters*, editado por Harold Jefferson Coolidge em 1932, encontra-se uma das primeiras aparições documentadas da frase, usada no contexto institucional: “*the Council must publish or perish*”. Ainda distante do ambiente universitário que viria a consagrá-la, a expressão já carregava a mesma urgência que a tornaria destaque, a ideia de que não produzir é desaparecer ou perecer (Coolidge, 1932).

Com o tempo, *Publish or Perish* deixou de ser apenas uma advertência e se transformou em regra de sobrevivência acadêmica. A frase foi consolidada como símbolo de uma era marcada pela valorização extrema da quantidade de artigos, congressos, fator de impacto, índice H, muitas vezes em detrimento da profundidade, da criatividade e até da ética científica (Lee, 2014; Rawat & Meena, 2014). O que era um alerta virou um sistema, um sistema que, com a chegada das IAG, parece estar entrando em sua fase mais paradoxal: nunca foi tão fácil publicar, e talvez nunca tenha sido tão fácil perecer também, afogado em um mar raso de “produtos científicos” (Elbanna & Child, 2023).

Van Dalen e Henkens (2012) mostraram que, embora a pressão por publicar possa favorecer a ascensão na carreira, ela é percebida como mais intensa em países anglo-saxões e menos em economias emergentes. Essa pressão traz efeitos adversos significativos, como a proliferação de artigos pouco lidos, o afastamento de debates voltados a políticas públicas, a desvalorização da produção de conhecimento local e a priorização de estratégias voltadas a maximizar publicações em periódicos de alto impacto, em detrimento de qualidades como conhecimento factual e diálogo com formuladores de políticas. Além disso, atividades coletivas e de divulgação, como a revisão por pares e a elaboração de relatórios para a sociedade, tendem a receber menor reconhecimento em contextos de alta competitividade. Os autores concluem que, apesar de aumentar a produtividade, essa lógica restringe a diversidade de contribuições científicas e enfraquece a interface entre ciência e sociedade.

Esse não é um fenômeno restrito a determinadas áreas, ele se espalha por todas as áreas acadêmicas, e é nesse contexto que este artigo se insere: para revisitar as raízes históricas dessa lógica e refletir sobre como a IA pode estar não apenas acelerando a máquina de publicar, mas também corroendo, silenciosamente, o que ainda resta de pensamento original

nesse processo. A famosa frase atribuída ao físico Wolfgang Pauli: "Não me importo que você pense devagar. Me importo que você publique mais rápido do que consegue pensar" (Wolfgang, 1977), sintetiza, de forma sarcástica, a tensão central da lógica do *Publish or Perish*.

De um lado, há os pesquisadores que publicam mais do que refletem, priorizando a visibilidade e o prestígio acadêmico acima da qualidade de suas análises. De outro, há aqueles que, apesar de anos de trabalho e acúmulo de conhecimento, raramente submetem seus dados à revisão por pares, deixando descobertas importantes confinadas ao silêncio de laboratórios ou a apresentações de conferência. O problema, nesse caso, é que o conhecimento que não é formalmente publicado corre o risco de desaparecer junto com o pesquisador (Clapham, 2005). O equilíbrio entre publicar por relevância e publicar por obrigação ainda é um dilema ético e científico profundo, que se agrava diante de um cenário onde a velocidade de produção ganha novos contornos com o uso crescente de ferramentas de IA.

3.2 A Inteligência Artificial, a Automação da Escrita e os Desafios Éticos na Transformação da Prática Científica

A ascensão de sistemas de IAG está remodelando o cenário da produção acadêmica (Kamal & Khaidzir, 2024). Ao automatizar etapas como a organização de ideias, a redação inicial e até a revisão linguística, essas ferramentas reduzem barreiras técnicas e linguísticas, ampliando o acesso à publicação científica. Contudo, essa facilidade pode acentuar problemas já existentes no ecossistema acadêmico, como a produção massiva de textos com baixo teor de originalidade, rigor metodológico insuficiente e risco de diluição da qualidade científica (Agu Igwe, 2021; Elbanna & Child, 2023; Kamal & Khaidzir, 2024; Hegde, 2025).

Dados recentes revelam que o número anual de publicações científicas saltou de cerca de 2,6 milhões em 2014 para 3,7 milhões em 2023, elevando a pressão sobre o sistema revisional e impulsionando a adoção de IA para manutenção da integridade editorial (Times Higher Education, 2024). Paralelamente, a produção de artigos sobre IA registrou um aumento de 57% entre 2018 e 2022, segundo relatório da Nature (Nature, 2023), e um exame amplo de 80 milhões de documentos mostrou crescimento de 13 vezes na presença da IA em todas as áreas (Duede et al., 2024). Apesar dos ganhos em produtividade, autores que utilizam IA produzem quase 70% mais artigos e acumulam três vezes mais citações, há evidências de que esse aumento favorece áreas consolidadas, em detrimento da diversidade investigativa (Hao et al., 2024).

Paul Agu Igwe (2021), em sua análise sobre a publicação científica automatizada, destaca que a adoção da IA na escrita acadêmica impõe uma nova dinâmica, na qual autores e editores precisam “obedecer às regras do jogo” impostas pela ética e pela integridade científica. Igwe argumenta que, embora a IA possa simular processos criativos, ela não pode substituir o julgamento humano nem a responsabilidade ética do pesquisador, especialmente em relação à verificação da veracidade dos dados e à originalidade da contribuição. Além disso, ele alerta que a facilidade da geração automática pode ser explorada para inflar artificialmente o volume de publicações, comprometendo a confiança no sistema de revisão por pares e no próprio avanço do conhecimento científico.

Esse cenário é agravado pela cultura do *Publish or Perish*, historicamente associada à progressão na carreira acadêmica, que se tornou terreno fértil para práticas que comprometem a integridade científica, como autoria indevida, fragmentação excessiva de resultados (*salami slicing* - prática acadêmica questionável que consiste em dividir os resultados de uma mesma pesquisa em múltiplos artigos com pequenas variações, com o objetivo de inflar a produtividade científica), falsificação de dados e submissões duplicadas (Šupak Smolčić, 2013; Hegde, 2025). A proliferação de periódicos predatórios e, mais recentemente, a automação da escrita por modelos de IA generativa, capazes de produzir textos acadêmicos com poucos comandos, ampliam as ameaças à originalidade e dificultam a detecção de más condutas (Eshchanov et al., 2021; Elbanna & Child, 2023; Hegde, 2025).

Van Dalen (2021) argumenta que o avanço de sistemas como o GPT-3 impõe um desafio ético central à ciência contemporânea: preservar a integridade e o valor do conhecimento num contexto em que a automação da escrita se torna cada vez mais sofisticada. Embora essas tecnologias possam ampliar o acesso e acelerar a produção acadêmica, elas também potencializam a circulação de textos com baixo teor de originalidade, argumentos construídos sem rigor analítico e, em casos extremos, manipulação de dados ou distorção de evidências. A dificuldade em identificar conteúdo gerado por IA e a ausência de diretrizes claras aumentam o risco de erosão da credibilidade científica.

Diante disso, Agu Igwe (2021) e Van Dalen (2021) convergem para a necessidade de que a autoria humana permaneça como guardiã da integridade e do propósito da pesquisa, garantindo que as ferramentas automatizadas atuem como suporte, e não como substitutas do pensamento original. A capacidade de gerar rapidamente conteúdos bem estruturados não pode substituir etapas fundamentais de reflexão crítica e validação empírica, sob risco de comprometer a qualidade e a credibilidade da ciência. Além disso, a detecção de conteúdo produzido por IA ainda enfrenta desafios técnicos e éticos, o que amplia a responsabilidade de editores, revisores e instituições na criação e implementação de políticas claras e práticas de supervisão.

Preservar o valor do conhecimento científico exige, portanto, um reposicionamento ético, em que a quantidade de publicações deixe de ser o principal critério de reconhecimento, e a qualidade, relevância e reprodutibilidade ganhem centralidade. A proposta de migrar do *Publish or Perish* para o *Publish and Cherish* (Publique e valorize) enfatiza a publicação como ato de compromisso com o avanço do saber, a honestidade na condução e relato da pesquisa, e o cultivo de um legado científico capaz de resistir ao tempo e ao escrutínio crítico (Hegde, 2025).

Assim, a integração responsável da IA à prática científica requer transparência no uso dessas ferramentas, políticas institucionais rigorosas e a valorização da criatividade, da formulação de perguntas relevantes e da interpretação crítica, dimensões que a IA, até o momento, não é capaz de reproduzir com profundidade.

3.3 Como usar de forma consciente a Inteligência Artificial na Escrita Científica?

Quando utilizada de forma estratégica e supervisionada, a IA pode se tornar uma aliada valiosa para pesquisadores, ampliando a eficiência sem comprometer a integridade acadêmica (Agu Igwe, 2021; Hegde, 2025). Entre as aplicações éticas e mais comuns, destacam-se a revisão linguística, que ajuda a aprimorar clareza, coesão e adequação gramatical, especialmente útil para autores que escrevem em idioma diferente de sua língua materna, e o apoio na organização de ideias e estruturação inicial de textos, permitindo que o pesquisador dedique mais tempo às análises e interpretações (Kamal & Khaidzir, 2024).

A IA também pode auxiliar na identificação de lacunas na literatura, por meio da síntese de grandes volumes de informações, favorecendo revisões mais abrangentes e contextualizadas (Nature, 2023). Pode ainda oferecer sugestões de referências ou apontar estudos relevantes que poderiam passar despercebidos em buscas manuais, desde que o pesquisador valide cada indicação (Agu Igwe, 2021).

No campo da análise de dados, modelos de IA podem apoiar a interpretação estatística e a visualização de resultados, desde que haja compreensão das premissas e limitações dos métodos utilizados (Hegde, 2025). Outro uso possível é a tradução preliminar de textos científicos, agilizando a comunicação internacional, embora a revisão humana seja indispensável para garantir precisão terminológica (Kamal & Khaidzir, 2024; Gao et al., 2025).

O uso dessas ferramentas, entretanto, exige critérios claros de responsabilidade, transparência e integridade. O emprego indiscriminado ou sem supervisão crítica pode comprometer a qualidade, a originalidade e a credibilidade científica (Agu Igwe, 2021; Eshchanov et al., 2021). Por isso, é essencial que a autoria humana permaneça responsável pela interpretação, pelo julgamento metodológico e pela formulação de hipóteses, assegurando que o conteúdo reflita efetivamente o pensamento do pesquisador.

Além das potencialidades já mencionadas, a IA também pode contribuir para aprimorar etapas do processo editorial e de revisão científica (Al Barajraji et al., 2024). Ferramentas inteligentes são capazes de automatizar tarefas como a triagem inicial de manuscritos, a detecção de plágio textual ou conceitual, a verificação de consistência estatística e a identificação de incongruências metodológicas (Times Higher Education, 2024). Esse tipo de suporte libera revisores e editores para se concentrarem na análise crítica, na originalidade e na relevância da pesquisa (Al Barajraji et al., 2024). Outro uso promissor é a recomendação automatizada de revisores com base em afinidade temática, reduzindo vieses e acelerando o fluxo editorial. No entanto, é essencial que tais aplicações complementem, e não substituam, o julgamento humano, já que a avaliação de nuances conceituais, implicações éticas e contextualização sociocultural ainda exige a experiência do pesquisador (Eshchanov et al., 2021; Kendal & Teixeira da Silva, 2024).

Essas novas funções reforçam a necessidade de ampliar as diretrizes de uso responsável da IA. Além da transparência, da autoria humana e da validação rigorosa já previstas, torna-se recomendável explicitar se a IA foi empregada em etapas editoriais, como pré-avaliação, triagem ou revisão metodológica, bem como indicar como os resultados automatizados foram validados (Hegde, 2025). A confidencialidade também deve ser preservada, garantindo que textos inéditos não sejam processados por ferramentas que armazenem ou reutilizem conteúdo de forma não autorizada (Agu Igwe, 2021). Incorporar essas orientações ao quadro de diretrizes (Quadro 1) fortalece a integridade do processo científico e ajuda a garantir que a IA atue como um instrumento de apoio confiável, tanto para autores quanto para revisores e editores (Al Barajraji et al., 2024).

Quadro 1 - Diretrizes para o uso consciente da IA na escrita científica.

Diretriz	Descrição
Transparência	Declarar no manuscrito quais ferramentas de IA foram utilizadas, em quais etapas (redação, revisão linguística, triagem editorial, análise estatística etc.) e como seus resultados foram validados.
Autoria humana	Garantir que hipóteses, interpretações, conclusões e decisões metodológicas sejam de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es) humanos.
Validação do conteúdo	Conferir a veracidade de todas as informações, dados, métodos, referências e análises sugeridos pela IA, evitando erros factuais e “referências fantasmas”.
Preservação da originalidade	Utilizar a IA como apoio para clareza, estrutura e síntese de informações, sem permitir que ela gere integralmente o texto ou substitua a reflexão crítica.
Integridade acadêmica	Não utilizar IA para fabricar dados, manipular resultados, inflar artificialmente a produtividade ou burlar o processo de revisão por pares.
Confidencialidade	Evitar submeter manuscritos inéditos a ferramentas que armazenem ou reutilizem conteúdo, preservando a propriedade intelectual e a privacidade dos dados.
Adoção de políticas institucionais	Seguir diretrizes formais de universidades, agências de fomento e periódicos sobre o uso de IA, contribuindo para a padronização de boas práticas.
Uso ético na revisão e no editorial	Em funções de editor ou revisor, empregar IA apenas para apoio técnico (checagem de plágio, consistência estatística, triagem temática), preservando o julgamento crítico e a decisão final humana.

Fonte: Autora (2025).

4. Considerações Finais

A incorporação das IAG na escrita científica representa uma transformação profunda, que redefine não apenas o ritmo da produção acadêmica, mas também os critérios que definem a qualidade e a relevância do conhecimento produzido. Se, historicamente, a pressão estava centrada na quantidade de publicações, o cenário atual demanda uma reflexão mais profunda sobre o significado e o propósito de cada contribuição científica.

A IA, quando usada de forma crítica e responsável, tem o potencial de ser uma aliada poderosa, expandindo horizontes investigativos, facilitando a comunicação e acelerando etapas burocráticas. Entretanto, esse avanço só se justifica se

estivermos atentos à manutenção dos princípios fundamentais da pesquisa: rigor metodológico, transparência e autoria reflexiva. A tecnologia em si é neutra; seu impacto dependerá do compromisso ético e intelectual de quem a emprega.

Diante desse novo contexto, reafirma-se a urgência de uma postura consciente, que valorize menos o volume e mais a profundidade e a originalidade dos trabalhos científicos. Publicar com propósito, e não apenas para cumprir metas quantitativas, é o caminho para preservar a integridade e o valor da ciência. Assim, a verdadeira resistência intelectual não está em rejeitar a IA, mas em integrá-la com discernimento, assegurando que a produção acadêmica continue sendo um empreendimento genuinamente humano, pautado pela busca crítica do conhecimento. Em tempos de IA, quem publica com qualidade, discernimento e ética, é Rei!

Referências

- Ajwang, S. O. & Ikoha, A. P. (2024). Publish or perish in the era of artificial intelligence: which way for the Kenyan research community? *Library Hi Tech News*, 41(9), 7-11.
- Akmal Ahmad Kamal, M. & Fadhli Shah Khaidzir, M. (2024) Publish or perish: The impact of ChatGPT on future academics. Arab World English Journal (AWEJ) Special Issue on ChatGPT
- Al Barajraji, M. et al. (2024). Beyond peer review: rethinking scientific publishing with artificial intelligence. *Intensive care medicine*, 50(10), 1715-1716.
- Andrade, M. C. R. (2021). O papel das revisões de literatura na produção e síntese do conhecimento científico em Psicologia. Gerais: *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 14, 1-5.
- Clapham, P. (2005). Publish or perish. *BioScience*, 55(5), 390-391.
- Coolidge, H. J. & Howard, L. R. (1932). Archibald cary coolidge: Life and letters.
- Duede, E. et al. (2024). Oil & water? Diffusion of AI within and across scientific fields. *arXiv preprint arXiv:2405.15828*.
- Elbanna, S. & Child, J. (2023). From 'publish or perish' to 'publish for purpose'. *European Management Review*, 20(4), 614-618.
- Eshchanov, B. et al. (2021). Efficiency of "publish or perish" policy—Some considerations based on the Uzbekistan experience. *Publications*, 9(3), 33.
- Guraya, S. Y. et al. (2016). Publish or Perish mantra in the medical field: A systematic review of the reasons, consequences and remedies. *Pakistan journal of medical sciences*, 32(6), 1562.
- Gao, R. et al. (2025). Legal regulation of AI-assisted academic writing: challenges, frameworks, and pathways. *Frontiers in Artificial Intelligence*, 8, 1546064.
- Hao, Q. et al. (2024). AI Expands Scientists' Impact but Contracts Science's Focus. *arXiv preprint arXiv:2412.07727*.
- Kendall, G. & Teixeira Da Silva, J. A. (2024). Risks of abuse of large language models, like ChatGPT, in scientific publishing: authorship, predatory publishing, and paper mills. *Learned Publishing*, 37(1).
- Lee, I. (2014). Publish or perish: The myth and reality of academic publishing. *Language teaching*, 47(2), 250-261.
- Makris, M. & Abou-Ismaïl, M. Y. (2024). Navigating the inevitable: artificial intelligence and the future of scientific communication. *Research and Practice in Thrombosis and Haemostasis*, 8(5).
- Nature.** *AI research: The state of play*. (2023). <https://www.nature.com/research-intelligence/ai-research-report>.
- Pauli, W. (1977). *I don't mind your thinking slowly; I mind your publishing faster than you think*. In: MACKAY, Alan Lindsay (Org.). *The Harvest of a Quiet Eye: A Selection of Scientific Quotations*. 1. ed. [S.l.]: [s.n.], 117.
- Pereira, A. S. et al., (2018). Metodologia da pesquisa científica. [free ebook]. Santa Maria: Editora da UFSM.
- Rawat, S. & Meena, S. (2014). Publish or perish: Where are we heading?. *Journal of research in medical sciences: the official journal of Isfahan University of Medical Sciences*, 19(2).
- Šupak Smolčić, V. (2013). Salami publication: Definitions and examples. *Biochemia medica*, 23(3), 237-241.
- Times Higher Education. (2024). *AI needed to help publishers cope with rising research quantity*. 2024. <https://www.timeshighereducation.com/news/ai-needed-help-publishers-cope-rising-research-quantity>.
- Von Solms, Rossouw. & Von Solms, B. (2016). Publish or perish-but where? *South African Computer Journal*, 28(1), 44-58.